

O ESCRAVO SOFREDOR: UMA LEITURA DO QUARTO CANTO DE YHWH

*Rosemary Francisca Neves Silva**

Resumo

O presente artigo trabalha o quarto Canto do Servo Sofredor (Is 52,13–53,12), a partir do método histórico-crítico, bem como uma aproximação hermenêutica entre a figura do Servo do quarto Canto e a mulher negra no período colonial brasileiro, evidenciando as aproximações de escravidão, solidariedade e libertação tanto dos exilados do período babilônico, como as mulheres negras escravizadas no Brasil colonial.

Palavras-chave: *Canto. Servo. Escravidão. Escravo.*

Abstract

The present article upholds the fourth Song of the Suffering Servant (Is 52,13–53,12), from the historical-critical method view. It serves as a basis to a hermeneutical approach between the figure of the Servant of the fourth Song and black women during the colonial period in Brazil. It highlights the approach to slavery, solidarity and liberation both of the exiled ones at the Babylon period and of black women enslaved when Brazil was a colony.

Keywords: *Song. Servant. Slavery. Slave.*

Este artigo tem como objeto de estudo o quarto Canto do Servo de YHWH (Is 52,13–53,12), como memória da escravidão no exílio babilônico. Neste Canto o Servo/escravo aceita a situação em silêncio como forma de protesto contra todas as injustiças que estava vivendo.

Embora haja várias controvérsias quanto ao número de cantos e à delimitação de cada um especificamente, manteremos a teoria de Duhm, que apresenta

* Doutora em Ciências da Religião e assessora da pastoral negra (rosemarynf@gmail.com).

quatro cantos, os quais se complementam e mencionam o caminho que o Servo/escravo seguirá para realizar a missão que recebeu desde o seio materno.

Numa aproximação hermenêutica com a realidade do servo sofredor, estabeleceremos uma relação entre a figura do Servo do quarto Canto e a mulher negra no período colonial brasileiro, evidenciando as aproximações de escravidão, tanto dos exilados do período babilônico, como das mulheres negras escravizadas no Brasil colonial.

1. Delimitação e Tradução do Texto

¹³*Eis que meu Servo prosperará,
ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas.
¹⁴Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele
– pois ele não tinha mais figura humana
e sua aparência não era mais a de homem –
¹⁵assim, agora nações numerosas ficarão estupefactas a seu respeito,
reis permanecerão silenciosos,
ao verem coisas que não lhes haviam sido contadas
e ao tomarem consciência de coisas que não tinham ouvido.
¹Quem creu naquilo que ouvimos,
e a quem se revelou o braço de Yhwh?
²Ele cresceu diante dele como renovo,
como raiz em terra árida;
não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar,
nem formosura capaz de nos deleitar.
³Era desprezado e abandonado pelos homens,
homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento,
como pessoa de quem todos escondem o rosto;
desprezado, não fazíamos caso nenhum dele.
⁴E no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si,
nossas dores que ele carregava.
Mas nós o tínhamos como vítima de castigo,
Ferido por Deus e humilhado.
⁵Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões,
esmagado por causa das nossas iniquidades.
O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele,
Sim, por suas feridas fomos curados.
⁶Todos nós como ovelhas, andávamos errantes,
seguindo cada um o seu próprio caminho,
mas Yhwh fez cair sobre ele
a iniquidade de todos nós.
⁷Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca,
como cordeiro conduzido ao matadouro;*

*como ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores
ele não abriu a boca.*

⁸*Após detenção e julgamento, foi preso.*

*Dentre os contemporâneos, quem se preocupou
Com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos,
de ter sido ferido pela transgressão do seu povo?*

⁹*Deram-lhe sepultura com os ímpios,
seu túmulo está com os ricos,
embora não tivesse praticado violência
nem houvesse engano em sua boca.*

¹⁰*Mas Yhwh quis esmagá-lo pelo sofrimento.*

*Porém, se ele oferece a sua vida como sacrifício expiatório,
Certamente verá uma descendência, prolongará seus dias,
E por meio dele o desígnio de Deus triunfará.*

¹¹*Após o trabalho fatigante de sua alma
verá a luz e se fartará.*

*Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos
E levará sobre si as suas transgressões.*

¹²*Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões;
com os fortes repartirá os despojos,
visto que entregou a si mesmo à morte
e foi contado entre os criminosos,
mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos
e pelos criminosos fez intercessão.*

O quarto Canto difere dos anteriores no que se refere à unanimidade dos estudiosos sobre a delimitação. Estudiosos como Croatto, Mesters concordam com Duhm que o Canto se estende do capítulo 52,13 até o capítulo 53,12, o mesmo segundo Ballarini (1977) “é o mais longo dos cânticos do Servo de Javé, e também o mais difícil, pela deturpação do texto”¹. O mesmo Ballarini afirma ainda que o Canto é dividido em três partes: a primeira parte se assemelha ao primeiro cântico onde YHWH apresenta o Servo; a segunda parte 53,1-10 é introduzida por uma interrogação ou exclamação sobre o que é posto na boca do locutor e fica um questionamento de quem seria este personagem; a terceira parte do Canto novamente YHWH toma a palavra para proclamar a paixão e morte do Servo.

Croatto parece concordar com a afirmação de Ballarini quanto ao número de partes e extensão do quarto cântico².

1. BALLARINI, Teodorico. *Introdução à Bíblia*, II/3, p. 200-208.

2. É um texto complexo, indício de uma origem em etapas ou de redação com elementos díspares. Pode-se observar, por exemplo, a mudança de locutor: em 52,13-15 é Javé, em 53,1-10 um “nós”; e novamente Javé é o locutor em 53,11-13 (CROATTO, S. *Isaias: A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II: 40-55. A libertação é possível, p. 268.

Roos também concorda com a delimitação do quarto Canto 52,13–53,12. Segundo o autor a “perícope começa e termina com palavras de Iahweh (52,13-15; 53,11-12)”³.

É plausível afirmar que as argumentações apresentadas pelos estudiosos no que tange à delimitação do Canto são convincentes. No que se refere à divisão deste Canto a proposta de Ballarini parece ser a que mais possui seguidores. Ballarini divide o Canto em três partes: a apresentação do Servo, o questionamento sobre quem é este Servo e, por fim, o próprio YHWH, que novamente toma a palavra para falar do Servo.

2. A Arte do Paralelismo

É um Canto construído sobre a arte do paralelismo. No versículo 14 o verbo “ficar assombrado” está associado a outro sentido “estar desolado” que, segundo Croatto⁴, tem o mesmo lexema hebraico (*šamam*).

Em Is 53,1-2s há o paralelismo com os verbos: ver/escutar/revelar; os mesmos estão relacionados com o Servo/escravo que foi humilhado, maltratado, que não podia atrair nosso olhar. Há ainda a metáfora entre “cresceu”/“terra árida”, indicando assim humildade por parte do Servo/escravo⁵.

Nos versículos 4a e 5a há um quiasma entre “nossas enfermidades” e “nossas transgressões”, aqui o sofrimento não é visto como castigo individual, mas pelo pecado de todos⁶.

No primeiro verso do versículo 7 há a expressão “não abriu a boca” que aparece novamente no final do versículo para confirmar que o Servo/escravo mesmo diante de tanto sofrimento não reagiu, ficou calado, aceitou a dor com mansidão⁷. Já no versículo 8 a expressão “foi preso” está relacionada com a “transgressão do seu povo”. O Servo/escravo foi preso pelo povo, todas suas dores foi por este povo que o abandonou, desprezou. No versículo 10 há o paralelismo entre “feri-lo”/“enfermidade” que está relacionado com o Servo/escravo que foi ferido pelas transgressões do povo de Deus.

3. ROOS, Deomar. *O Servo de IAHWEH. Vox Concordiana-Suplemento Teológico*, Ano 14, n. 1, 1999, p. 21.

4. CROATTO, José Severino. *Isaías – a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II: 40-55 A libertação é possível, p. 272.

5. BALLARINI, Teodorico. *Introdução à Bíblia*, II/3, p. 205.

6. CROATTO, p. 274.

7. CROATTO, p. 276.

3. Leitura do Quarto Canto e a mulher negra no período colonial brasileiro

No período entre 597 a 540 aC aconteceu na história do povo de Deus o exílio da Babilônia. Nessa época, os israelitas em terras estrangeiras foram oprimidos, humilhados e escravizados pelos opressores Babilônicos⁸.

Como cativos, no período do exílio da Babilônia, foram obrigados a deixar seus parentes, suas crenças, costumes e cultura e muitos deles foram submetidos a trabalhos inferiores aos que desenvolviam em sua pátria. Tudo isso era para os deportados sinônimo de grande humilhação, discriminação, opressão, dor, violência e escravidão por estarem longe de sua nação.

Apesar da distância histórica, textual e de contexto, podemos estabelecer uma ponte hermenêutica, para aproximar a servidão das mulheres do exílio babilônico e a opressão das mulheres escravas no Brasil. Nesse sentido, os sofrimentos das mulheres africanas no Brasil colônia têm muito em comum com os das mulheres judias no exílio babilônico. Em ambos os contextos, a condição de servas sofredoras está retratada. Essas realidades, assim como tantas outras situações de escravidão, são assumidas pelo Servo de Javé, que “assumiu as dores de muitos”⁹. As mulheres representam estas servas sofredoras, pois as mesmas experienciavam humilhações, eram vendidas ou trabalhavam como prostitutas para seus senhores ou suas senhoras. Muitas vezes, além do trabalho com a terra, ainda realizavam os trabalhos domésticos nas casas de seus senhores, eram amas de leite dos filhos de suas senhoras. Outro ponto em comum entre as mulheres exiladas na Babilônia e as escravas negras do Brasil colônia era o abandono de seus filhos e claro a grande pobreza em que viviam em seu cotidiano.

Parte dos habitantes da África foram cativos e vendidos para os colonizadores portugueses, os quais estavam colonizando o Brasil. Os colonizadores precisavam de mão de obra para trabalhar na lavoura da cana-de-açúcar. Não tendo resposta positiva dos nativos para esses trabalhos, e interessados no lucro comercial, fez-se necessário buscar esta mão de obra no continente africano. “Os africanos foram trazidos do chamado “continente negro” para o Brasil em um fluxo de intensidade variável”¹⁰.

Dentro do conjunto de africanos que chegaram ao território brasileiro havia, em sua maioria, jovens “escravos do sexo masculino que suplantavam as

8. Foi submetido a um povo diferente, que se comportava de maneira diferente, possuía, de certo, técnicas diferentes de produção e trabalho. Um povo que era, sobretudo, detentor e sujeito de uma cultura diferente, muito rica, mais antiga que a dos israelitas [...] Os israelitas foram arrancados como árvores, e levados pelas bordas do deserto afora. Alguns arrebatados com raiz e tudo, outros se destroçaram pelo caminho (CUNHA, 2004, p. 44).

9. GARCÍA BACHMANN, Mercedes. El “siervo” en Isaías y la “continuidad del des-poder”. In: *Los caminos inexhaustibles de la Palabra*, p. 291.

10. FAUSTO, *História Concisa do Brasil*, p. 24.

mulheres numa proporção de dois por um¹¹. Contudo, entre os deportados havia mulheres e crianças, provavelmente muitos morreram no caminho entre os países africanos e o Brasil, possivelmente por serem maltratados. Fato semelhante aconteceu com o povo escravizado que foi deportado para o exílio da Babilônia, como bem é narrado no segundo livro de Reis¹².

O objetivo da deportação tanto dos exilados na Babilônia quanto dos africanos que vieram para o Brasil era o trabalho escravo¹³.

Neste sentido, “o tráfico transatlântico, no entanto, tornava congruente e necessário o que, à primeira vista, se afigurava contraditório”¹⁴.

As mulheres negras, bem como os demais escravos, eram divididas em grupos de pessoas muitas vezes desconhecidas e de etnias diferentes, logo que os navios negreiros ancoravam em terras brasileiras. Dentro da divisão do trabalho forçado normalmente as negras mais belas eram levadas para trabalharem no interior da casa-grande, as mesmas tornavam-se amantes de seus senhores. Já as menos atrativas eram levadas para as senzalas. A maioria tinha que ir para o trabalho árduo nas lavouras de cana-de-açúcar.

É possível concluir então que a mulher negra e escrava gozava de certa igualdade com os homens negros e escravos apenas no que se refere ao trabalho, pois, semelhante ao que afirma López¹⁵, as mulheres estrangeiras só gozavam de igualdade ao homem no que se refere ao trabalho, pois nas demais atividades elas eram consideradas inferiores e sua principal obrigação era a satisfação dos desejos de seu senhor e cuidado dos filhos de suas senhoras.

O cotidiano era um ambiente de medo, pois os exilados e os escravos, ambos sentiam o tempo todo que estavam sozinhos e enfraquecidos. Viviam apavorados diante da cólera do opressor armado para destruir, presos, num calabouço, sem comida e à espera da morte a qualquer momento¹⁶.

O julgamento, a prisão, as feridas, a opressão e humilhação faziam parte do cotidiano do povo escravizado do exílio babilônico como das mulheres escraviza-

11. FLORENTINO, *Nas rotas do império*, p. 233.

12. GARCÍA BACHMANN, p. 286.

13. O negro foi trazido para o Brasil para atender a uma necessidade básica do colono branco: ser utilizado como mão de obra na lavoura canavieira. [...] A escravidão negra se fazia necessária para manutenção do tráfico negreiro dada a sua importância como um dos setores mais rentáveis do comércio internacional (SILVA, 1992, 55-56).

14. FLORENTINO, Manolo & AMANTINO, Márcia. Uma morfologia dos quilombos nas Américas, séculos XVI-XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, supl., dez. 2012, p. 260.

15. LÓPEZ, Rolando. *Cânticos del servidor sufriente*, p. 64.

16. Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo? Deram-lhe sepultura com os ímpios, seu túmulo está com os ricos, embora não tivesse praticado violência nem houvesse engano em sua boca (Is 53,8-9) (CUNHA, Rogério I. de Almeida. *O Servo Solidário*, p. 62).

das do Brasil colônia, bem como “um gemido contínuo, constante, permanentemente misturado com o canto dos pássaros, com o alvoroço dos macacos, com o rugido da onça, com o farfalhar das folhas mexidas pelos ventos, com as canções de festa da nossa gente”¹⁷.

4. Os vários papéis vividos pelos corpos negros e femininos

O papel desempenhado pelas mulheres negras no Brasil Colonial era diversificado, como por exemplo: as atividades domésticas e o trabalho diário com a terra. Dentre as muitas obrigações diárias estava o trabalho no interior das casas-grandes, onde preparavam os alimentos, cuidavam das roupas e da arrumação em geral¹⁸.

Nas lavouras elas trabalhavam retirando “as ervas daninhas da gleba, semeavam e enfeixavam as canas. Nos engenhos, cozinhavam-nas em enormes tachos de cobre, transformando-as em melaço, no processo que teria como produto final o açúcar” (SCHUMAHER & VITAL BRASIL, 2007, p. 39). Essas mulheres trabalhavam de sol a sol, sob rígida fiscalização dos feitores, ou das sinhás, recebendo pelos serviços o mínimo necessário para sobreviver. Os exploradores garantiam apenas uma refeição diária, basicamente formada por feijão, milho e farinha de mandioca. Carnes, quando servidas eram geralmente sobras ou de qualidade duvidosa.

Sobre a divisão do trabalho, Bourdieu ao tratar das dominações masculinas diz que os trabalhos realizados pelas mulheres são todos os que estão ligados com o úmido, baixo, escondido como trabalhos domésticos, cuidados de crianças, animais, bem como os de arrancar ervas daninhas, os trabalhos mais humildes e vergonhosos que não mereciam ser vistos¹⁹.

As afirmações nos levam a concluir que o cotidiano das mulheres negras foi determinado pelos senhores escravocratas ou pelos feitores. Contudo, vários estudos abordam que as mulheres negras e escravas tinham mais liberdade e potencial de negociação que os homens. Neste sentido, “sua vida estava dividida entre o trabalho e a senzala (a habitação coletiva dos escravos), que ficava próximo à casa-grande (a habitação do senhor), para que fossem mais bem vigiados”²⁰. Em dias Santos, os escravos trabalhavam na agricultura de subsistência para completar sua alimentação.

Com os avanços das primeiras décadas da colonização e com a urbanização surge um novo cenário, o comércio ambulante. “As cativas, então, passaram,

17. GALLAZZI, Sandro. Por meio dele o desígnio de Deus há de triunfar, p. 12.

18. ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica, p. 143-147.

19. BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*, p. 41.

20. CÁCERES, Florival. *História Geral*, p. 229.

também, a fazer o serviço de vendedoras, oferecendo as mais variadas especiarias nas ruas e mercados²¹. Muitas mulheres conseguiam pagar ao seu senhor ao final do dia e ainda guardavam uma quantia para a compra de sua liberdade.

E por quantas vezes também era sua obrigação servir ao seu senhor em seus prazeres sexuais? E até mesmo a prostituir-se²². A mesma afirmação é feita por Del Priore²³.

Neste sentido, García Bachmann²⁴ afirma que no exílio da Babilônia as meninas eram vendidas como concubinas ou eram obrigadas a trabalhar para seus donos como prostitutas²⁵.

Analisando estas situações a partir das afirmações de Foucault (1988) concluímos que havia um tipo de poder exercido sobre os corpos, o sexo e seus prazeres. Prazer vivido apenas pelo dominador, isto porque apenas os homens tinham o direito ao prazer, já às mulheres em especial as negras e as estrangeiras israelitas seu dever era de satisfazer seu senhor, o dominador.

Além dos trabalhos desempenhados era ainda obrigação das mulheres negras a amamentação, ou seja, serem amas de leite dos filhos de suas sinhás. Assim como no período colonial, também no exílio existiram as servas sofredoras como: amas de leite, viúvas, mulheres vendidas²⁶.

Este trabalho muitas vezes gerou certa desconfiança por parte de sua senhora e a relação entre a família escravocrata e a escrava sempre foi de conflitos. Claro que se uma ama de leite estava à disposição do filho de sua sinhá, significava que ela necessitou abandonar o seu próprio filho²⁷.

21. SCHUMAHER, Shuma; VITAL BRASIL, Érico. Mulheres negras do Brasil, p. 42.

22. Outra forma de exploração encontrada pelos escravocratas era obrigando-as a se prostituírem. As “senhoras” enfeitavam as jovens com joias, anéis e rendas finas para atrair os potenciais clientes (SCHUMAHER & VITAL BRASIL, 2007, p. 43).

23. Muitas escravas eram obrigadas a se prostituir para aumentar os ganhos de seus proprietários. [...] era comum donos e donas de vendas permitirem que suas escravas “mal procedessem”, utilizando-se dos estabelecimentos “para fins torpes e desonestos”, em troca de uma quantia em dinheiro destinada às mãos de seus senhores (DEL PRIORE, 2000, p. 36).

24. GARCÍA BACHMANN, Mercedes. El “siervo” en Isaías y la “continuidad del des-poder”, p. 285.

25. Se para os babilônios são uma presa insignificante a ser usada e abusada, para os judaítas no exílio elas também contam pouco. O que se faz com mulheres já violentadas? Sente-se muita pena, mas quantos vão querer casar com elas, quantos vão querer adotar para si os filhos bastardos nascidos desta violência? (GALLAZZI, 1995, p. 15).

26. GARCÍA BACHMANN, Mercedes. El “siervo” en Isaías y la “continuidad del des-poder”, p. 290-291.

27. A disponibilidade do leite de uma ama implicava necessariamente no afastamento de seus filhos, os quais sob o ponto de vista escravocrata seriam de pouca ou nenhuma serventia. Ao “alugarem ou adquirirem amas de leite”, viam as suas “crias” como um gasto adicional, além de pensarem ser inadmissível a partilha dos seios da cativa entre os seus filhos brancos e os “negrinhos”. As consequências inevitáveis dessas brutalidades da casa-grande traduziram-se na negação da maternidade de muitas escravizadas e na alta taxa de mortalidade de suas crianças (SCHUMAHER & VITAL BRASIL, 2007, p. 45).

As mulheres negras não eram dispensadas do trabalho com a enxada por estarem amamentando e muito menos por estarem grávidas. Muitas perdiam seus bebês e as que estavam amamentando secavam o leite²⁸. Foram estes alguns dos papéis desempenhados pelas mulheres escravas, marcado por exploração e muita dor. Mulheres que tanto no período colonial quanto no exílico foram submetidas ao “despojo, saque, butim, violência sobre violência: pancadas, abusos sexuais, objetos de taras e perversões. Pisadas, destruídas em sua dignidade, para elas não pode ser aplicada a lei do resgate, ninguém reclamava sua liberdade”²⁹. Mulheres de tempos diferentes, mas ambas com sua postura diante da dor pareciam concordar com a afirmação “Ofereci o dorso aos que me feriam” (Is 50,6a)³⁰.

Contudo, a mulher negra continua em sua grande maioria realizando atividades domésticas, ou seja, continuam nas casas de família. Sabemos que há várias mulheres negras que ocupam cargos administrativos, políticos, religiosos, na educação, ministérios e outros. Mas ainda é uma parcela muito pequena em relação ao número de mulheres negras no Brasil³¹.

Esta afirmação só foi possível pela luta das mulheres negras pela sua liberdade e de sua comunidade³². Essa luta pela libertação de uma comunidade se assemelha muito à do Servo Sofredor que fez a experiência de dor no meio do povo e no meio deste povo lutou pela libertação.

A elas era negado até mesmo o direito de ser mulher, de constituir sua própria família. Parece plausível afirmar que estas mulheres experienciavam, o que afirma Bourdieu (2005), a violência simbólica que intrinsecamente há presente e o poder de dominação do dominador sobre o dominado. Contudo, os opressores, através de sua dominação, “vão levar Deus agir, uma vez mais, contra as trevas, as águas dos abismos e deserto”³³, a escravidão e os abusos, por meio de um Servo/escravo, uma mulher negra e escrava.

28. GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava*, p. 24.

29. GALLAZZI, Sandro. Por meio dele o desígnio de Deus há de triunfar, p. 15.

30. A mulher negra e a mulata – agora rotulada como mulata profissional – continuam a enfrentar as barreiras criadas pelo preconceito racial. Na competição pelo trabalho de cada dia, a mulher negra tem menores possibilidades, até mesmo para empregos como o de doméstica em casas de famílias tradicionais (TEODORO, Helena. *Mito e espiritualidade: mulheres negras*, p. 36).

31. As mulheres negras que conquistam melhores cargos no mercado de trabalho despendem uma força muito maior que outros setores da sociedade, sendo que algumas provavelmente pagam um preço alto pela conquista, muitas vezes abdicando do lazer, da realização da maternidade, do namoro ou casamento. Pois, além da necessidade de comprovar a competência profissional, têm de lidar com o preconceito e a discriminação racial que lhes exigem maiores esforços para a conquista do ideal pretendido. A questão de gênero é, em si, um complicador, mas, quando somada à da raça, significa as maiores dificuldades para os seus agentes (SILVA, 2003, p. 1).

32. TEODORO, Helena. *Mito e espiritualidade: mulheres negras*, p. 39.

33. GALLAZZI, Sandro. Por meio dele o desígnio de Deus há de triunfar, p. 19.

Com o método histórico-crítico e hermenêutica do quarto Canto na ótica da mulher negra e escrava no período colonial brasileiro foi possível perceber que mesmo com as diferenças de espaço, tempo, cultura e até mesmo as questões étnicas é possível afirmar que há aproximações entre os dois períodos, o exílico e o colonial. As aproximações são as questões étnicas, religiosas e a escravidão que foram marcantes nestes períodos. Em ambos os períodos é vigente a escravidão como forma de opressão, humilhação, desprezo, violência sexual das mulheres, privação dos cuidados de seus filhos.

Bibliografia

- ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. V. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BALLARINI, Teodorico e VIRGULIN, Stefano. Os cânticos do Servo de Javé. In: BALLARINI, Teodorico. *Introdução à Bíblia*. Vol. II/3: Profetismo e profetas em geral, Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruc, Carta de Jeremias, Ezequiel. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM – Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CÁCERES, Florival. *História Geral*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- CROATTO, José Severino. *Isaías: A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II: 40-55. A libertação é possível. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CUNHA, Rogério I. de Almeida. *O Servo Solidário: uma reflexão sobre nossa experiência de Exílio a partir do 2º Isaías*. São Leopoldo: CEBI, 2004.
- DEL PRIORE, Mary. *Mulheres no Brasil Colonial*. São Paulo: Contexto, 2000.
- DUHM, Bernhard. *Israels Propheten*. Tübingen: Paul Siebeck, 1922.
- FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012.
- FLORENTINO, Manolo. Aspectos sociodemográficos da presença dos escravos moçambicanos no Rio de Janeiro (c. 1790-c. 1850). In: FRAGOSO, João et al. (orgs.). *Nas rotas do império*. Vitória: Edufes; Lisboa: IICT, 2006, p. 193-244.
- FLORENTINO, Manolo & AMANTINO, Márcia. Uma morfologia dos quilombos nas Américas, séculos XVI-XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, supl., dez. 2012, p. 259-297.
- FOUCAULT, Michel. *Histórias da sexualidade: a vontade de saber* (vol. 1). Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GALLAZZI, Sandro. Por meio dele o desígnio de Deus há de triunfar. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 21, p. 11-31. 1995.

GARCÍA BACHMANN, Mercedes. El “siervo” en Isaías y la “continuidad del des-poder”. In: *Los caminos inexhaustibles de la Palabra*. Homenaje. Severino Croatto. Buenos Aires: Lumen, p. 275-295. 2000.

GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

LÓPEZ, Rolando. Cánticos del servidor sufriente. *Perú Biblia*. Lima, v. 1, n. 4, p. 5-12, 1992.

ROOS, Deomar. *O Servo de IAHWEH. Vox Concordiana-Suplemento Teológico*. São Paulo: Escola Superior de teologia do Instituto Concórdia. Ano 14, n. 1, 1999.

SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio: História e Teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulinas, São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil*. São Paulo: Editora Moderna, 1992.

SILVA, Maria Nilza da. A mulher Negra. *Revista Espaço Acadêmico*. Ano II, nº 22, março de 2003, <http://www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm>, acesso dia 05 de abril de 2013 às 11h25 min 25s.

SCHUMACHER, Schuma; VITAL BRASIL, Érico (orgs.). *Mulheres negras do Brasil*. São Paulo: Editora Senac Nacional, 2007.

TEODORO, Helena. *Mito e espiritualidade: mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

Rosemary Francisca Neves Silva
(rosemarynf@gmail.com)